

a corda

alex gamela



veneno

O Autor

Alex Gamela escreve regularmente para o Clique, [onde publicou este texto](#), a 14 de Outubro de 2012

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](#)



venono

2013

A CORDA

Ele recuperou os sentidos com o solavanco. O seu corpo descaiu alguns centímetros na queda interrompida mas, apesar de estar pendurado pelo pescoço, a pressão do garrote tinha diminuído e a respiração já passava pela traqueia em sopros ásperos.

O ar quente envolvia-o, o suor escorria em torrentes, descia-lhe pela cara abaixo, tornando o saco de pano preto que lhe cobria a cabeça numa pequena estufa. Ele não conseguia ver nada. Ouvia a multidão do lado de fora destas trevas privadas a berrar. Muitos cantavam os refrões que eram sempre recordados em dias como aquele. Ele conhecia as palavras de ordem, não tinham mudado em décadas. Um homem a morrer à frente deles e eles cantam, para vê-lo dançar com os pés sobre o vazio.

Ele desejava não ter acordado, a dor no pescoço era tão forte que o mínimo movimento era agonizante. Por cima dele, a corda rangia e estalava, cedia aos poucos ao peso do seu corpo. Fazia sentido, fora ele que aprovara a compra. Na contabilidade era uma corda normal, na realidade não passava de um bocado de cordel de mau fio. Esta diferença tinha sido bem aplicada em seu proveito, e agora estava preso pela ponta da causa de tudo isto. Achou a situação muito divertida, apesar das circunstâncias.

O carrasco devia estar hesitante: sabia que ele ainda estava vivo, mas não se podia encavalitar às suas costas porque o peso dos dois seria demasiado para aquela corda tão má que se despenhariam do mastro da varanda do paço. Devia estar à espera que a corda se partisse e entretanto fazia um nó correção numa outra que lhe teriam trazido, de melhor qualidade, uma que cumprisse a sua função. Uma corda do novo regime, cheia de qualidades mas, mesmo assim, uma corda. Até o carrasco que eles escolheram era incompetente, um capaz estaria mais atento ou seria suficientemente corajoso para resolver o problema de uma vez. Para ele era mais uma prova de que as escolhas não podiam ser entregues à multidão. Demasiadas cabeças pensam pior que uma.

Rodou sobre si mesmo, a corda desfiava-se por detrás da nuca e as vozes da multidão ficaram nas suas costas, a subir de volume porque ele escapava.

Num golpe de chicote, tudo ficou em silêncio. A corda tinha-se partido, e ele caía. Não sabia a que distância estava do chão e a queda parecia interminável, um mergulho num sonho, uma dissolução eterna da memória. Estava suspenso naquele hiato entre a varanda e o chão, a salvo dos seus opositores. Eles deviam estar furiosos com este contratempo. Teriam que repetir o processo, o que lhe dava a oportunidade e o tempo para se explicar, de negociar com eles. De certeza que dentro de cada um dos espectadores naquela praça havia a esperança que ele se libertasse. Eles eram o seu povo, não um bando de assassinos; eram homens como ele, dar-lhe-iam uma segunda oportunidade. Ou não. Enquanto caísse sabia que estava a salvo.

Bateu no chão com tanta violência que sentiu os ossos das pernas estilhaçarem-se e perfurar a carne em vários sítios. A única coisa que as mantinha compostas era o nó à volta dos tornozelos, para não espernear demasiado quando o empurrassem para o vazio, mas suficientemente folgado para ajudar ao processo.

Ele queria gritar mas a corda tinha feito os seus estragos: nenhuma palavra conseguia sair da sua boca para hipnotizar a multidão como tantas vezes tinha feito. As vozes aproximavam-se rapidamente, o som de passos em debandada crescia à sua volta a caminho de o esmagar numa carga cega. Talvez fosse para o salvar, e achassem que ele já tinha aprendido a sua lição, talvez tenham percebido que não há fome que exija tanto castigo.

Queria dizer que não lhes queria mal, que tudo o que tinha feito tinha sido para bem deles, que lhes dava uma nova oportunidade. As pernas e o pescoço partidos eram a prova de quanto estava disposto a sofrer por todos, com todos.

Ele sentia as mãos deles a agarrarem-no, a arrancar-lhe o pano da cabeça, a libertá-lo da escuridão que o sufocava. Levavam-no em ombros, como antigamente.

A luz deixou-o encadeado, da forma como iluminava o terreiro, espalhando o rio em reflexos quebrados pelas paredes do paço, num brilho intenso, puro, de novas manhãs. Que rapidamente se apagou.